



## **Contribuições do Jornalismo Literário à Comunicação Sindical<sup>1</sup>**

Suzana Aparecida Vier<sup>2</sup>

Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), São Paulo, SP

### **Resumo**

Este trabalho apresenta as contribuições do jornalismo literário para humanizar e dinamizar a comunicação sindical. Entrevistas com diretores e jornalistas do movimento sindical demonstraram que a comunicação das entidades sindicais não encontra eco em seu principal público-alvo, os trabalhadores, e que o jornalismo literário, modalidade de jornalismo que busca criatividade, humanização e imersão na realidade, pode melhorar a comunicação das entidades sindicais com os trabalhadores e a sociedade.

### **Palavras-chave**

Comunicação sindical; jornalismo literário; movimento sindical; comunicação.

### **Introdução**

O movimento sindical, ou sindicalismo, é o principal campo em que os trabalhadores se expressam de forma organizada no Brasil.

As características, a constituição e a forma de trabalhar dos sindicatos e do movimento sindical em geral não são amplamente conhecidas pela sociedade, no entanto, as ações sindicais são facilmente reconhecidas quando se fala de manifestações ou passeatas.

Por diversos motivos que passam inclusive pelo posicionamento da mídia, o movimento sindical é comumente visto e julgado a partir de conceitos superficiais e reducionistas.

Um desses pré-conceitos acerca do movimento sindical é, por exemplo, a ideia de que os sindicatos só servem para realizar manifestações, passeatas e parar o trânsito nas cidades.

O movimento sindical, também denominado de mundo do trabalho, trata-se de um universo específico e rico em conteúdos e experiências, entretanto pós-globalização os desafios às entidades sindicais são cada vez maiores e a comunicação sindical busca

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Bauru, Jornalista (Unesp/Bauru) especialista em Jornalismo Literário (ABJL/Cesblu) e com atuação em entidade sindical, email: suzanavier@yahoo.com.br.



novas formas de interagir e um novo patamar de ligação com a sociedade e a classe trabalhadora.

A partir de um rápido panorama da comunicação sindical, o presente artigo apresenta contribuições do jornalismo literário à comunicação das entidades sindicais que, de acordo com depoimentos de diretores sindicais e pesquisadores, precisa avançar num ambiente mais dinâmico e tecnológico e melhorar sua relação com trabalhadores e sociedade.

### **Movimento sindical**

O Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (2002, p.7) conceitua o movimento sindical como “instrumento de defesa dos direitos e interesses da coletividade em geral, e da classe trabalhadora, em particular” e é ainda “uma das invenções mais criativas da humanidade”, porque:

permite a distribuição de renda de forma negociada, dentro do regime democrático no sistema capitalista, e porque reconhece a existência do conflito e permite a sua solução de forma civilizada, mediante regras e procedimentos que deem um mínimo de equidade aos entendimentos entre patrões e empregados. O sindicalismo, desde que surgiu no mundo, é um fenômeno multifacetado, com dimensões sociais, econômicas, políticas e jurídicas. (DIAP, 2002, p.7).

De forma resumida, pode-se compreender que sindicalismo é a organização dos trabalhadores com o objetivo de melhorar suas condições de trabalho e de vida, o que inclui também ocupar espaços na sociedade e contribuir para a construção política, social e econômica do país.

### **Antecedentes históricos**

Só como exemplo dos antecedentes históricos da organização dos trabalhadores, de acordo com o Diap (2002, p.10), a Constituição da Primeira República, de 1891, já trazia em seu artigo 72, parágrafo 82: “A todos é lícito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas; não podendo intervir a polícia senão para manter a ordem pública”.

No Brasil, do fim do século XIX, o trabalho era basicamente agrícola e os trabalhadores, tanto estrangeiros, como negros e brancos livres, possuíam baixa qualificação profissional e não tinham direitos básicos, como jornada de oito horas, repouso semanal remunerado ou direito a férias, e, portanto, era necessário buscar a



organização como forma de pressionar governos e patrões para garantir direitos mínimos e melhores condições de trabalho.

Apenas como ilustração da mentalidade dos patrões, quando o governo, por pressão dos trabalhadores, decidiu instituir a lei de férias de 15 dias, as associações empresariais paulistas reagiram, enviando ao presidente da República em 1926, uma correspondência buscando dissuadi-lo da ideia, no qual afirmava:

... que fará um trabalhador braçal durante 15 dias de ócio? Ele não tem o culto do lar, como ocorre nos países de padrão de vida elevado. Para nosso proletariado, para o geral de nosso povo, o lar é um acampamento – sem conforto e sem doçura. O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com frequência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subaltermos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta! (DIAP, 2002, p.11).

Para mudar esse tipo de mentalidade empresarial e obter melhores condições de trabalho e de vida de 1900 a 1910, os trabalhadores brasileiros realizaram 111 greves e na década seguinte, mais 258 greves.

Só na década de 80 do século XX, a Constituição de 1988 passa a garantir liberdade e autonomia sindical e têm início novos debates sobre o futuro do sindicalismo brasileiro.

### **Comunicação sindical**

Reconhecidas ou não, muitas pautas do movimento sindical são de interesse da sociedade. No entanto, o movimento sindical tem dificuldade de se expressar diante da sociedade ou mesmo de se apropriar de suas vitórias.

A comunicação sindical, apesar das inúmeras possibilidades tecnológicas, ainda é basicamente constituída e realizada por meio de jornais impressos. Grande parte dos sindicatos ainda prescinde da comunicação digital e continua lançando mão única e exclusivamente de jornais impressos como meio de comunicação com seus representados. Há entidades sindicais<sup>3</sup> que investem em programas de rádio, revistas, sites e programas de TV, mas grande parte da comunicação sindical se concentra em materiais impressos, especialmente boletins e jornais institucionais.

De acordo com estudos da professora universitária e pesquisadora Cosette Castro (1999, *online*), os jornais sindicais apresentam uma produção de 12 milhões de exemplares mensais.

---

<sup>3</sup> Quando se fala em entidades sindicais, é importante esclarecer que o movimento sindical no Brasil é constituído por sindicatos, federações, confederações e centrais sindicais. Cada uma dessas instâncias tem um grau de atuação e complexidade, indo do local ao nacional.



Moysés Chernichiarro Corrêa define a comunicação sindical como:

... trabalho de comunicação desenvolvido pelas organizações sindicais junto aos trabalhadores que elas representam e também junto à sociedade como um todo. Na prática, a comunicação sindical atua nestas duas vertentes, buscando sensibilizar (melhor talvez seja dizer mobilizar) os trabalhadores para a defesa dos seus direitos e repercutindo suas lutas e conquistas junto aos diversos públicos (empresários, classe política, jornalistas e formadores de opinião etc). (CORRÊA, 2006, p.35)

De acordo com Fuser e Lahni (2004, *online*), Lênin conceituou imprensa sindical como a imprensa dos trabalhadores que deve ao mesmo tempo “difundir idéias, educar politicamente, conquistar aliados e desempenhar o papel de organizador coletivo”.

Para Vitor Giannotti<sup>4</sup>, a primeira característica do jornalismo sindical é que ele:

... deixa claro seus objetivos, mostra de que lado está, defende uma classe e, dentro dela, dá especial atenção a um setor... não há postura de falsa neutralidade, de equidistância. Mas isto exige muita seriedade do jornalista, que deve apresentar fatos, dados concretos, e não fazer sermões ou contar lorotas”. (MARQUES, 2006, *online*)

Segundo a análise de Cláudia de Abreu no Jornal da Associação Brasileira de Imprensa<sup>5</sup>, tudo que é exigido de um jornalista em qualquer área é exigido na imprensa sindical: precisão da informação, textos bem-feitos, boa produção gráfica.

O jornalismo sindical é um instrumento eficaz à disposição das organizações dos trabalhadores para influenciar nas decisões que lhes dizem respeito mais diretamente, como também para dar sua contribuição à sociedade como um todo, ainda esclarece Corrêa (2006, p.28).

Já Castro registra o caráter marginal e preconceituoso que a mídia confere aos movimentos sociais e sindicais:

É também uma comunicação alternativa, sem o caráter de marginal que foi imputado ao termo alternativo pela mídia – já que a mídia ainda reserva aos trabalhadores e aos movimentos sociais destaque apenas em acontecimentos trágicos e nas páginas policiais. (CASTRO, 1999, *online*)

### **Crise de identidade**

Caracterizada pela pluralidade de vozes, ideias e necessidades presentes no movimento sindical, a comunicação sindical sofre principalmente críticas relacionadas à sua identidade. Diversos pesquisadores e principalmente os próprios diretores sindicais consideram que a comunicação sindical repete o modelo preconizado pela grande

---

<sup>4</sup> Escritor e coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> MARQUES, J. R. Desafios da Imprensa Sindicalista. Jornal da Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.piratininga.org.br/2006/84-imprensa-sindical.html>>. Acesso em: 18 dez. 2006.



imprensa e suas pautas. Ou seja, o paradigma que o movimento sindical contesta acaba pautando-o e, dessa forma, a comunicação sindical não consegue trilhar seus próprios caminhos e se transformar numa imprensa verdadeiramente alternativa à grande imprensa, sendo atraente e com conteúdo.

Além disso, há uma tendência, segundo Castro, das direções sindicais repetirem na comunicação a relação que como trabalhadores enfrentaram com os patrões:

As direções sindicais têm visto nas suas categorias, enquanto público, meros depositários das informações que desejam veicular. Ou seja, repetem na Comunicação Sindical as mesmas atitudes verticalizadas e unidirecionais encontradas nas relações com seus patrões. (CASTRO, 1999, *online*)

Esta visão, para Jesús Martín-Barbero apud Castro (1999, *online*), parte da concepção condutista que faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida, isto é, um lugar também de produção de sentido.

Castro (1999, *online*) propõe que as entidades sindicais terminem com seu processo de exclusão ao receptor. Ao ignorar o receptor, as direções sindicais impedem a realização de uma comunicação sindical realmente democrática que se apresente como alternativa crítica de informação perante o discurso único de imagens e informações das agências de notícias e das empresas de comunicação.

Nazareth Ferreira apud Fuser e Lahni considera que a imprensa sindical se equivoca porque:

... a estrutura sindical é fortemente burocratizada e autoritária, o que se reflete no seu sistema de comunicação; a comunicação sindical é vista pelos dirigentes, prioritariamente, como instrumento de mobilização imediata, em detrimento da formação/informação; inexistente uma política de comunicação, o que resulta no não aproveitamento de sua potencialidade como comunicação de resistência; privilegia-se a quantidade sobre a qualidade; há uma tendência cada vez mais acentuada de se seguir os padrões da grande mídia; constata-se muitas vezes a ausência dos receptores no processo de comunicação. (FUSER; LAHNI, 2004, *online*)

Diversos pesquisadores ressaltam que o movimento sindical ainda não encontrou sua identidade no mundo globalizado, neoliberal e tecnológico. Para Castro:

Uma visão de sindicato voltada para o próximo milênio deveria pensar o papel do movimento sindical (e de sua comunicação) sem se restringir a questões salariais ou voltadas apenas para a(s) categoria(s) envolvida(s).

... mais do que nunca é preciso contextualizar, unir o local ao global para entender as novas relações de mundo que estão sendo estabelecidas e, desta forma realmente comunicar-se não apenas com a categoria envolvida mas com a sociedade. (CASTRO, 1999, *online*)

Faltaria à comunicação sindical, principalmente, ser reconhecida pelo trabalhador como expressão de suas necessidades e de sua identidade.



“Ao se reconhecerem nos materiais sindicais, há grande possibilidade de que a comunicação sindical finalmente seja legitimada pelos trabalhadores, esses sujeitos-consumidores-cidadãos mutantes, em constante processo de transformação, em sua grande maioria simplesmente desconhecidos das direções sindicais. E de que forma sabe-se que haverá reconhecimento? Quando as pessoas conseguirem identificar-se nos materiais sindicais. Aí, então, vão participar, escrever cartas, procurar as entidades; enfim, quando elas se enxergarem nos materiais darão retorno sobre temas que lhes interessam. Então haverá interação e diálogo”. (CASTRO, 1999, *online*)

### **Jornalismo literário**

Nesse cenário de falta de identificação do trabalhador/receptor com a comunicação sindical, além de mudanças na postura dos líderes sindicais, o jornalismo literário também é um instrumento capaz de auxiliar jornais, sites, revistas sindicais a terem legitimidade e conquistarem a necessária identificação com o trabalhador/leitor.

Segundo Felipe Pena, o jornalismo literário significa:

Potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p.13)

O jornalismo literário, modalidade de prática da reportagem de profundidade e de ensaio jornalístico<sup>6</sup>, busca nas artes, na antropologia, na sociologia, na história, na psicologia humanista, no jornalismo e na literatura instrumentos para lidar com a complexidade do ser humano e sua realidade. “O fato é que a verdade é um mosaico. Fala por mil vozes. Tem mil faces. É interpretada, construída e reconstruída. Está inserida em uma teia de conexões e complexas estruturas.” (PENA, 2006, p.118)

Elaine Cristina Moraes (2004, *online*) ressalta que a complexidade inerente ao tempo que vivemos exige um fazer jornalístico mais amplo a fim de evitar um entendimento reduzido do discurso jornalístico e, conseqüentemente, a produção do que o pesquisador Fernando Resende conceitua como “narrativas atrofiadas”<sup>7</sup>, ou seja, narrativas jornalísticas legitimadas por conceitos reducionistas que há mais de meio século têm caracterizado o discurso jornalístico como, por exemplo, a objetividade e a imparcialidade.

---

<sup>6</sup> TEXTO VIVO. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em 13 dez. 2006.

<sup>7</sup> RESENDE, F. O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico. 2002. 239p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.



O jornalismo literário ou narrativo tem como características básicas: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos, digressões e humanização. Como modalidade jornalística, o jornalismo literário tem absoluto compromisso com a precisão de dados e informações, mas não se dobra à falsa idéia de objetividade e imparcialidade e adota da literatura a humanização, como define Moraes:

O jornalista pode valer-se da literatura e de outras artes como instrumento que, ao cativá-lo esteticamente, aumenta a chance de escapar de critérios reducionistas amparados em pressupostos típicos do discurso jornalístico tradicional como, por exemplo, os conceitos de realidade, atualidade e objetividade, que se pretendem incontestáveis e totalizadores. A literatura, com sua palavra-revelação e sua carga de ambiguidade que lhe é inerente, abala certezas, alarga horizontes, amplia relações com o outro.

... Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano. (MORAES, 2004, *online*)

A humanização dos textos, o ser humano em primeiro lugar, com voz, sentimentos, defeitos e virtudes é uma grande contribuição do jornalismo literário à sociedade e, uma característica ausente da comunicação sindical.

A humanização, como um dos pilares básicos do jornalismo literário, remete ao conceito de humanismo: “O humanismo reúne uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano”<sup>8</sup> e “mais do que uma corrente de pensamento, deve ser uma prática histórica”<sup>9</sup>, “em sentido estrito, o humanismo filosófico é qualquer doutrina que em seu conjunto dignifica o homem”.<sup>10</sup>

Sérgio Vilas Boas (2003, p.18) aponta: “a experiência humana é nossa principal referência. Mas o jornalismo convencional – rígido, cartesiano, funcionalista – apresenta o indivíduo abstratamente”.

### **Jornalismo literário e comunicação sindical**

As questões sindicais são um universo à parte, desconhecido pela maior parte da sociedade. Em geral, o sindicato e as outras instâncias sindicais são lembradas quando o trabalhador/a está para ser demitido e precisa conhecer melhor seus direitos, ou quando o trabalhador está sendo vítima de alguma injustiça ou perseguição no trabalho ou ainda quando é vítima de alguma doença ou acidente de trabalho, como LER/DORT (Lesão

---

<sup>8</sup> WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>>. Acesso em 19 fev. 2007.

<sup>9</sup> NOGARE, P. D. Humanismos e anti-Humanismos: Introdução à antropologia filosófica. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p.289.

<sup>10</sup> Idem p. 15



por Esforço Repetitivo/Doenças Osteo-Musculares Relacionadas ao Trabalho), a perda de um braço ou tantos outros acidentes de trabalho que acontecem aos milhares no Brasil e no mundo.

Além dessas ocasiões, as entidades sindicais são rapidamente lembradas quando se fala em passeatas, manifestações e greves e essas atividades causam alterações no trânsito e consequências às pessoas ao redor.

Apesar do pouco conhecimento da sociedade sobre a atuação sindical, a definição do Diap, anteriormente apresentada, demonstra a importância dessa atividade para a sociedade e especialmente para os trabalhadores.

Nesse contexto, a comunicação sindical deveria dialogar de forma participativa e democrática com os trabalhadores, entretanto ocorrem diversas distorções no processo que levam a uma comunicação debilitada e sem identificação com os trabalhadores.

Além das críticas e dos desafios expressos por diversos autores citados anteriormente neste trabalho, há ainda outros desafios mais específicos a serem superados, detectados por meio de entrevistas realizadas com diretores e jornalistas que atuam em entidades sindicais, como demonstram alguns depoimentos a seguir.

Os entrevistados - três jornalistas (um deles jornalista e diretor sindical) e dois presidentes de sindicatos – responderam à questões sobre a comunicação sindical e a possibilidade de emprego do jornalismo literário.

Os jornalistas entrevistados ressaltaram que é absolutamente necessário atuar com mais profundidade e elaborar textos mais humanizados e os diretores sindicais consideraram que o trabalhador realmente tem dificuldade de se identificar com a comunicação realizada pelos sindicatos.

Cláudia Mota, jornalista e coordenadora de comunicação do Sindicato dos Bancários de São Paulo, relata:

É nosso projeto colocar mais o bancário nos jornais. É necessário. O sindicato trata dos problemas que o trabalhador enfrenta, mas não consegue refleti-lo à altura na comunicação do sindicato. Por falta de tempo a gente acaba produzindo o óbvio. A grande imprensa faz muita coisa ruim nesse sentido. Somos carentes de um jornalismo mais criativo como o jornalismo literário. Estamos abertos para investir nisso, porque sempre que se faz todo mundo gosta e o material esgota rapidamente.<sup>11</sup>

José Nascimento Coelho, presidente do Sindicato dos Comerciários de Campina Grande (PB) e responsável pelo jornal do sindicato considera que “para ser um contraponto à

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora do artigo





grande imprensa o jornal deve sem dúvida buscar os princípios norteadores do jornalismo literário”.<sup>12</sup>

Segundo ele, “é importante elaborarmos textos mais criativos, somos a única alternativa de informação pra muita gente. Temos que melhorar”<sup>13</sup>.

José Roberto da Silva, presidente do Sindicato dos Comerciários de Florianópolis (SC) comenta que é difícil encontrar jornalistas que tenham experiência em escrever para o movimento sindical e que percebam a diferença entre jornal sindical e grande imprensa. “Temos carência de profissionais que entendam de jornalismo literário e que compreendam as nuances, as necessidades do jornalismo sindical. Seria fundamental ir a campo e narrar o cotidiano das pessoas. Isso envolve as pessoas.”<sup>14</sup>

Já, o Sindicato dos Comerciários de Ipatinga (MG) apresenta conceitos e práticas diferenciadas de comunicação sindical. Antonio Ademir da Silva<sup>15</sup>, secretário geral da entidade e jornalista, busca inspiração na “Narrativa de Resistência”<sup>16</sup>, do Professor Fernando Resende, para elaborar os textos do jornal impresso e do site da instituição. Em sua tese de doutorado, Resende explica:

À luz da história do discurso jornalístico e da narrativa romanesca, percebe-se a possibilidade de pensar uma prática e uma reflexão jornalísticas mais atentas às demandas do contemporâneo. Os estudos literários, aliados à noção de dialogia, contribuem para a reflexão e para a proposta da criação de um narrador-jornalista que redistribua, na ordem do texto, os lugares do autor e do narrador. (RESENDE, 2002, p. 29)

Inspirado pelas idéias de Resende, Silva cita que os textos de seu sindicato buscam o contexto dos temas, sem rigidez e sem maniqueísmo. “O trabalhador não é 100% bom e o empresário não é 100% mau. Há algo que permeia isso. Há toda uma complexidade. Tentamos buscar um caráter mais humano em nossas publicações.”<sup>17</sup>

Para Silva, a imprensa sindical ainda não tem identidade:

Quem nos pauta é o patrão. Não conseguimos desenvolver uma pauta nossa. Nós não damos conta de sermos pautados, de responder a essa pauta e de criar uma outra pauta que busque a consciência do trabalhador. Se queremos formar uma categoria crítica, não posso levar uma mensagem fechada.

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora do artigo.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> RESENDE, F. O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico. 2002. 239p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

<sup>17</sup> Entrevista concedida à autora do artigo



Precisamos de muita gente estudando jornalismo literário pra propor uma comunicação sindical dialógica. Nossa comunicação é muito desrespeitosa, somos muito autoritários. A verdade é essa pronto e acabou. Não se cria consciência assim.<sup>18</sup>

No Espírito Santo, Maninho Pacheco, jornalista do Sindicato dos Comerciários do Espírito Santo, relata que:

Seria genial falar do dia a dia do trabalhador. Até porque o comerciário é um profissional que não se enxerga nos materiais do sindicato. Por isso, para falar a essa categoria precisamos de pautas que digam respeito à vida dele, ao supermercado em que ele trabalha.<sup>19</sup>

Todos os entrevistados destacaram que a comunicação sindical procura seu espaço, sua personalidade e está muito distante de exercitar jornalismo literário. Mas consideram que a capacidade dessa modalidade jornalística de iluminar temas, traçar perfis e produzir biografias humanizadas, dar voz à complexidade humana e ao estilo autoral dos jornalistas tem muito a contribuir com a comunicação sindical, seja nos meios impressos, eletrônicos ou audiovisuais.

Iluminar os temas relativos ao trabalhador, compreender seu cotidiano e estender essa compreensão à sociedade é um importante trabalho a ser realizado no movimento sindical.

Moraes resume a importância de uma comunicação com criatividade e compromisso com o ser humano, características do jornalismo literário fundamentais para contribuir com o mundo do trabalho, ou seja, com o movimento sindical.

Criar histórias com cheiro, tato, som e visão – todos os sentidos são necessários e bem-vindos quando o jornalista-autor quer e pode dar sabor aos fatos.

... Isso só é possível quando se interage com a comunidade local e olhamos para o seu cotidiano, para as histórias que as pessoas têm para contar, as ações que as diferentes personalidades executam e que são importantes no registro da diversidade e identidade cultural. (MORAES, 2004, *online*)

### **A busca por uma nova comunicação**

Não há um padrão que possa se dizer próprio da comunicação sindical, mas há uma indicação de que a comunicação deve ser um instrumento de conscientização e disputa de espaço na sociedade.

Utilizando o arcabouço teórico do jornalismo literário e com base em entrevistas realizadas com jornalistas e diretores sindicais, a busca por uma nova comunicação sindical esbarra em dificuldades como:

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida à autora do artigo

<sup>19</sup> Idem



1. Distanciamento do leitor: a percepção de inúmeros jornalistas e até de dirigentes sindicais é de que o leitor não se enxerga nos jornais do sindicato, que é um dos motivos que afasta o leitor/trabalhador das informações e formação que o sindicato desejaria levar a seus leitores/trabalhadores. Mota comenta o problema: “O bancário não se enxerga nos materiais do sindicato. Nós tratamos dos problemas que ele enfrenta, mas não conseguimos fazer isso de forma a atingir o bancário, de forma que ele se veja nas publicações”<sup>20</sup>

2. Espelho invertido: em muitas circunstâncias a comunicação sindical é elaborada mais para o dirigente ver sua foto estampada, ver seu editorial na primeira página e sua opinião nos textos. É muito raro algum material impresso narrar, descrever, contar histórias de trabalhadores ou simplesmente conter a opinião do trabalhador no jornal. O que também dá uma pista de porque o trabalhador não se vê no jornal entregue em suas mãos.

3. Superficialidade e sindicalês: os textos ou são muito breves, rasos e superficiais ou são massacrantes, enormes, ininteligíveis, cheios de sindicalês, economês ou outros jargões pouco conhecidos pelo público em geral.

O jornalista perdeu, e/ou sob muitos aspectos, deixou perder a tradição de contador de histórias, para tornar-se um profissional burocrata, um relator de acontecimentos que ergue a voz para defender uma pretensa objetividade, para dizer que jornalismo é técnica e faro. (MORAES, 2004, *online*)

Para Moraes (2004, *online*), seja nas redações ou nas assessorias de imprensa, há um “abandono na extensão das coberturas”. Como resultado emergem a quase total pasteurização e superficialidade dos textos, que também é comum nos textos sindicais.

4. Reduccionismo: ainda há orientações como as encontradas no livro “O que é Jornalismo Sindical”, de Vito Giannotti, editado em 1998 e com a 1ª. Reimpressão em 2004, em que o autor ao descrever a melhor estratégia para cativar leitores afirma: “Uma frase ideal, para um jornal operário, tem três ou quatro palavras”.<sup>21</sup>

5. Pensamento improdutivo: outro problema dos jornais sindicais é a disseminação total e irrestrita do pensamento improdutivo. Uma entidade sindical, entre outras razões, também nasce do descontentamento de uma classe profissional e que leva à busca de melhores condições. Ou seja, em muitos momentos o que pauta um sindicato é a insatisfação, a angústia das pessoas, mas transformar o jornal num espelho disso repete

---

<sup>20</sup> Cláudia Mota, em entrevista à autora.

<sup>21</sup> GIANNOTTI, V. O que é jornalismo sindical. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 73



o que a grande imprensa faz cotidianamente gerando até mesmo certo sentimento de depressão nas pessoas.

### **As possibilidades no bojo do Jornalismo literário**

Criatividade, imersão e humanização são três dos pilares básicos do jornalismo literário que podem contribuir e fazer muita diferença à comunicação sindical.

1. Criatividade é uma questão essencial para a comunicação sindical em vários sentidos: para criar textos, jornais, comunicações em geral mais atraentes e com credibilidade e para lidar com a escassez de recursos financeiros e de tempo também comuns ao movimento sindical.

2. Imersão: outro pilar do jornalismo literário, a imersão na vida cotidiana do trabalhador - em sua casa, em sua história, em sua família, em suas angústias e esperanças - pode trazer maior identificação do leitor/trabalhador com o jornal e com a entidade sindical, garantindo uma relação dialógica e de confiança entre trabalhadores e seus representantes.

3. Humanização: uma perspectiva humanista da comunicação sindical gera relações de confiança e credibilidade. Humanizar, entre outras coisas, significa trazer o ser humano à tona, mostrar suas feições, ter e mantê-lo no papel principal e não como pano de fundo das comunicações, dos textos, das ações do sindicato.

Estar aberto à criatividade, conhecer o cotidiano dos trabalhadores, sentir na pele sua condição e trazê-la à tona dá muito mais vivacidade, cor e sabor aos textos jornalísticos sindicais. Abre novas perspectivas aos trabalhadores e aos seus representantes que não deixam de ser trabalhadores também.

É preciso resgatar o jornalista-contador de histórias, como lembra Moraes:

Se aceitarmos que precisamos nos aproximar cada vez mais de nossos leitores, da nossa comunidade e de suas histórias veremos, como vemos na experiência do Jornal Oficina, que ser um repórter que trabalha com fatos e ser um contador de histórias não são atividades incompatíveis, excludentes ou antiéticas. (MORAES, 2004, *online*)

Não se trata de tentar impor regras como o *lead* e a pirâmide invertida. Trata-se sim “de ampliar e contextualizar os fatos e, sobretudo, expandir o espaço para a criatividade do jornalista”, porque de acordo com Ricardo Kotscho “cada história é uma história, e merece um tratamento único”.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> CORRÊA, M. C. Sindicalismo e comunicação. São Paulo: LivroPronto, 2006, p. 113



Mostra-se importante ao movimento sindical uma incursão dos jornalistas e diretores de sindicatos, confederações, federações e centrais sindicais ao mundo do jornalismo literário. Os conceitos dessa modalidade de jornalismo ajudariam a comunicação sindical a lidar com mais atenção e respeito com o leitor.

Conquistar o leitor/trabalhador é uma questão de sobrevivência do movimento sindical que se encaminha para abolir as taxas compulsórias (obrigatórias), para contar unicamente com a consciência e a participação dos trabalhadores.

Consciência e participação não surgem de jornais superficiais e pasteurizados, mas de uma comunicação que inspira confiança, que reflete os sentimentos, as dificuldades, as conquistas, as alegrias das pessoas.

Para muitas direções de sindicatos o jornal e a comunicação em geral só cumpre tabela. Direções com essa mentalidade desprezam ou desconhecem o papel mobilizador e formador da comunicação.

### **Jornalismo transformativo e pensamento produtivo**

O movimento sindical caracterizado pela união de pessoas em torno de necessidades e desejos em comum é um espaço naturalmente muito propício e fecundo para o jornalismo transformativo e para o desenvolvimento do pensamento produtivo.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima em entrevista a Dimas Kunsch:

Jornalismo Transformativo é um conceito atribuído a processos narrativos caracterizados por uma atitude proativa em favor da transformação da consciência individual e coletiva. O Jornalismo Transformativo tem como princípios a hipótese da cocriação da realidade, a responsabilidade dos profissionais de comunicação social frente ao momento histórico crucial que atravessamos neste início de século XXI e o conceito de pensamento produtivo/pensamento destrutivo.

Desempenha potencialmente, portanto, uma função educativa importante, contribuindo para a mudança da mentalidade conservadora (e às vezes destrutiva) reinante em boa parte da sociedade atual. Seu foco está direcionado, idealmente, mais a soluções do que a problemas.<sup>23</sup>

O movimento sindical e conseqüentemente sua comunicação apresentam uma forte vocação para o jornalismo transformativo, à medida em que podem dar vazão à sua natureza educativa e de transformação de mentalidades.

A comunicação sindical pode usar seu potencial para apresentar soluções a problemas que amargam a vida de muitos trabalhadores. O que é até crucial para as entidades sindicais justificarem sua existência, pois se ela existe para encontrar saídas conjuntas a

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Edvaldo Pereira Lima a Dimas A. Kunsch, publicado originalmente em TextoVivo – Narrativas da Vida Real <http://www.textovivo.com.br>.



problemas de todo um grupo de pessoas, não faz sentido viver em torno de problemas, sem apresentar possibilidades, alternativas.

### Referências bibliográficas

BOAS, S. V. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

CASTRO, C. **O final do século e as novas possibilidades da comunicação sindical**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/15gt/Cosette%20Castro.rtf>>. Acesso em 05 jan. 2007.

CORRÊA, M. C. **Sindicalismo e comunicação**. São Paulo: LivroPronto, 2006.  
**DIAP – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ACESSORIA PARLAMENTAR**. Movimento Sindical: Passado, Presente e Futuro. 2.ed. Brasília: [s.n.], 2002.

FUSER, B.; LAHNI, C. A imprensa sindical em Juiz de Fora e Campinas. **Rastros**, Joinville, n.5, dez. 2004. Disponível em: <<http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/necom/rastros/rastros05/rastros0502.html>>. Acesso em: 05 jan. 2007.

GIANNOTTI, V. **O que é jornalismo sindical**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.  
MARQUES, J. R. Desafios da Imprensa Sindicalista. **Jornal da Associação Brasileira de Imprensa**, Rio de Janeiro, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.piratininga.org.br/2006/84-imprensa-sindical.html>>. Acesso em: 18 dez. 2006.

MORAES, E. C. R. et al. O Jornal Oficina no Vale do Aço: informação e experiência estética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrext/Comunica/Comunica7.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2007.

NOGARE, P. D. **Humanismos e anti-Humanismos: Introdução à antropologia filosófica**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, F. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. 2002. 239p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

**TEXTO VIVO**. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em 13 dez. 2006.



**WIKIPÉDIA.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>>. Acesso em 19 fev. 2007.